

# VIAGEM A ANDARA oO LIVRO INVISÍVEL



**VICENTE FRANZ CECIM**



**FONTE DOS QUE DORMEM**

## **A colheita das paisagens**

Para descer o céu à terra num antro mais cheio de murmúrios

aquilO

que morre nas flores  
canta  
um Rumor de luz

Eu escuto, na Residência da Semente Branca daqueles que tiveram o pé esquerdo devorado por ovelhas

Eu nutro: os caminhos apagados  
Eu nutro: a mais antiga, a Visão que veio ao encontro dos que vão  
em busca

da espera de Si mesmos

Eu não sou a semente  
de uma intensidade nua de espinhos, eu não sou

Eu não sou

## **Fonte das constelações**

Sem semear ossos no fim da tarde  
e vindo ao encontro dos teus olhos nos Caminhos das espreitas,

eu busco  
o segredo luminoso  
da  
Tua  
Água

Soprando as cinzas,  
mais humano que o Limo

Este é o Passo de Sombras  
Esta é a Noite em que o céu virá beber nosso rumor de terra

Aqui

Eu espero

## **Como uma Construção erguida para baixo**

rio em Silêncio, e serpentes: A Palavra  
interminável

mente  
calada

mente de Aves Profundas

e um Carrilhão de Luz

soando na Penumbra dos Seus Olhos,

dAquilo que escurece  
as manhãs de cinzas  
as pedras dos dedos da Oração

quando o mais Alto se ergue

e depõe o Muro Branco das Idades  
como Transparência

no deserto Inundado  
dos Teus sonhos: Cílio

da Carne,

e Rumor de Bosque Escuro

Curva dos Lábios  
que não dizem - Rio

lá, onde  
a Água Escura de um Abismo

Aquele que teve os olhos Selados  
já não aguarda a Aurora das Virtudes: o Guardião de Sombras

## **Aurora das virtudes**

Quando a terra se abre aos nossos pés,  
quando a terra se abriu aos nossos pés

e vindo a ausência da Ausente, veio a Ausência  
do ausente

e A que devorávamos na Sombra estava atrasada, e vindo

a que esperávamos estava atrasada

Caminho lento

que a terra ainda não abrisse aos nossos pés

ainda Tantas vezes O teu silêncio e a Pálpebra  
que não quis nos ver

Tantas vezes o Conselho: Soluça sem espreitas

Tu me nutriste de Escombros,  
como uma construção erguida para baixo  
não era os passos

Vocação de Olhos mais Escuros  
quando a mão se abriu

para tocar O céu

Não eram os Passos dos que vieram antes

## **Sim**

Quando a Árvore sem tréguas descer do céu  
como saber: Se um homem vem por degraus  
no coração da nave submersa nos Seus Olhos,

antes  
que a Inquietante fale as Palavras  
mas não após o silêncio das Virtudes

indo  
ao Encontro das lápides Flutuantes e das Águas  
se erguendo para a Sede

e na penumbra oh na Penumbra  
de um Encanto

e  
da Esfera tombada no Caminho  
por Onde ainda Passam os que passaram antes  
Na penumbra oh na Penumbra,

enquanto espera a tempestade, a: Tempestade

nos

Repousos

dos

Teus

Passos

## **Lodo das espécies**

As Catedrais de Luzes já foram semeadas  
no Centeio Negro

e não te voltas para colher a Sombra

O  
Que Ora está ausente  
onde murmura Silêncio a Serpente

Agora aquele que aguardou a Alvura  
despertou na névoa e sem olhos

Agora, Aquilo se lançou nas Águas e  
sem guelras  
Nenhum Cílio

desvia o Pó de um homem das Visões  
do Florescer  
ao Fenecer  
da vida,

indo

tu serás o Escombros de Lágrimas

Canto Mais Impuro  
O  
cantando  
Se um Oceano de pedras descesse  
uma palavra Não te espera

## **Reino que Se curva**

Quando a Mente, sem espinhos,  
torturou Teu Sangue

veio a lágrima

e O orvalho te doou

O Lago

Na Solidão  
se tinge o Lodo

Ainda é a carne a Submersa na pedra  
que o teu Dom adormece

## **Estação das seivas**

Não era a Infância ainda,  
pois foi antes

Instante

sem tempo, O cancelado instante  
de Ressurreições

do Pó

enteNoite  
ente de murmúrios: uma semente,  
apenas Uma bastaria, Escura

Se  
no Silêncio de Seivas em que nasceste

o teu Luar acolhesse a serpente

## **Corpo nu da Demanda profunda**

aquele que Tomba,

quando virá à Tona coberto de Cinzas

quando dará às Fontes suas mãos de Encantos em ruínas até  
à Seca folha lágrima Raiz da Desfolhada não nascida

quando dirá ao outroO  
nascendo do seu Lado Esquerdo com a ferrugem  
das Catedrais partidas  
- Busca

O ourO Escuro

para onde, para onde

Irá  
indo,  
indo

com sua imortalidade de lençóis de Alvura: O naufragado em terra,  
caminhando sobre águas brancas que não vê

Pó  
de despedidas de reencontros de Trevas murmurantes  
Pedra de Queda como um fruto: o Fruto O

que alcança a outra margem: Oo

Fervor de Limo  
Levanta vôo para baixo

Quando obterá a recusa da Envolvente?

e o Não lhe será um Dom  
de Indiferença

que poupará, por Desprezo  
que poupará, pelo silêncio

## **Respirando face a Face**

Quando a Mãe se ergue na Alvorada,

quanta Espessura no sutil  
quanta Presença no vazio

que contém

a mão dentro de Si, oculta de si mesma

Oco e Noite Esfera  
da Espécie

Uma estrela desliza nos teus Olhos  
buscando a Origem da Luz

na luz do Dia

De Rastros, animais imensos mais antigos

te dizem  
que já foste e estás Aqui, escuro

## **Purificações da imagem maculada**

nenhuma Ausência mais será sentida  
aquela que Devora consolando

foi embora

## **Passo em sonho**

A Construção de Carne está nas Trevas

e um Silêncio Branco

ressoa em toda parte: o

Ausente  
permanece

o que deixam seus Ossos com sons de flauta  
para a Música

e o Vento da Vida

Nós não somos um cortejo de Ruínas  
nós não somos Nós

não somos os que vieram atrás do Manto  
revestido de algas  
celebrando o Encanto e o Musgo  
que a Água dos Olhos não lava Nós  
não permanecemos

indistintos

na Paisagem dos Crepúsculos Nós não

tememos

a nossa Fome das Auroras  
nossa embriaguês de Vinho Pálido

enquanto passamos, e passamos,

exatamente

Agora

## **Ilusão das Sedes**

agora, diante de ti está o Muro

que não existe

Construção mental

que esmaga

Mas teus cabelos, Antro de Musgo que te sonha, ainda sentem falta

das ramagens longas, das Ascensões

e da Floresta,

onde os teus Passos percorrendo insetos, mas te apoiando com Ternura nas Sementes,

te dizem:

que logo virá o Limo sobre a Pedra cravada nos teus Olhos

Pois continuas lá, e a Fonte e o Fruto,

ainda Lá,

Agora

## **não dizerSim**

infinito é o que está Dentro in  
terno?

Pois não magoas  
esta Paisagem

Paraíso

que sem rancor acolhes sob os Cílios, ex  
terna

na Pedra da Meditação  
em que Te dormes

e te vê

um Horizonte todo em torno de Miragens,  
sobre a Terra

## **Para abolir os lances de dados**

unes com a Asa o Vento e a Árvore  
e Agora dás adeus a ti, no Escuro

Há Água e Fogo e Terra e Ar  
e a Música a Voz

que fala o que nenhum homem ainda Se disse

oO Eu  
criou a Si

e ao seu redor a Esfera o Círculo a Vida  
e a Multidão da Semente

Estás na Aurora do teu pensamento

oO d eu s  
tem muitos eus

nossa habitada Constelação de Ser

seu Fruto e Cinzas

a Tua Criança Invisível

## **Mais simples que o sono da pedra**

agora vem Aquele

que lança para Ti  
tua mão cheia de ervas, e não há Eras entre dois  
homens de limo

Agora,

te ouve em Teus Ouvidos te fala nos Teus Lábios E  
já Sabias o que te diz  
com gestos de aprendiz de Vinho e Sangue

Está te olhando dos Teus Olhos

Contempla:  
é a Paisagem das Espécies

onde se faz a Colheita dos Dons

nenhum Espelho Nenhum espelho

O Semeado

Agora,  
estás onde Só  
tu Te Esperas

## **O que passou na Noite e não foi visto**

Nada,

e Mais Além

Uma Esperança de Murmúrios

## **Residência Profunda**

só tens a ti

e um Gesto se desfaz no Ar

Fala da Ponte

Onde a Palavra, oca, simula madeira

Para onde te voltes, não estás

E Ninguém

que seja Alguém espera, Se não existes

Dizer: Espelho de miragens

E Despertar dos Sentimentos de Ausência,

abandonar os pés:

já não se movam nem te mantenham em ti

E no entanto uma Ave canta

A Tarde já foi Manhã

e há Leitos com promessas de Ternuras

À noite, acolhe a Tua Penumbra

Tu lembras o Nome vago que não dizes  
Teu Alento ergue o pó até Teus Olhos  
Um animal antigo ainda é teu irmão  
Há Luta preenchendo o intervalo dos seres  
Um pensamento Deserto se nutre de areia  
Há ondas de Lágrimas nos Oceanos, longe  
Cinzas retornando ao Fogo, com branduras  
Ossos de Flautas, ouves, se Incineram

E no entanto, uma Ave canta

e és aquático como: No Princípio Era o Verbo,  
sobre as Águas

Silêncio Silêncio

Na Tarde houve uma Manhã

Só tens um Ti,

e um Gesto desfaz se no ar

## **Lua das idades**

Sob o Cílio submerso

Onde um sol jamais ilumina

E no ar mais Elevado, vendo a Ave respirando o Pó  
da Terra

Onde não houve o que Ver, do que passou na Noite

E depois das Lentidões e Cantos

E Antigo como um homem de Madeira na janela,  
se abrindo

flutuante  
aos Oceanos

E no fundo de Ti

## **Silêncio dos nomes**

Indiferente e lento  
mas como um movimento Adormecido

E no Deserto Verde  
Diante de uma Casa de Penumbra

Quem saberia  
O que dizer desta Paisagem onde um homem  
semeado

Diante de uma casa em um deserto verde  
espera

Indiferente e Lento  
Mas com um movimento Adormecido

Antes da Aurora

E a Vida, num Sussurro, ainda não nasceu em parte alguma

## **para subir montanhas Murmurantes**

Ali,

onde em cada corpo humano há um só homem

Lá

onde se reúnem para as Festas do Medo

passa uma Ave que nos vê: Espelhos ocultos em espelhos

Cinzas

dos Campos de Silêncio  
semeados  
de  
Vida Ausente cada um em si

E Odor

vindo do Círculo do Horizonte  
guiar

os Passos a não dar,

pois estás Aí, Fantasma

da Amizade

Ponte

que sonha a Alucinação dos Gestos

**Para alegrar uma esquina deserta**

É Assim que tu habitas uma  
Meditação

Peixes de Estrelas e Árvores e se apagando ao teu redor

no teu Rosto de Terra

Onde

Não todos choram juntos não  
Todos riem juntos, e Não se sabe

até Saber:  
que uma Lágrima é Meditação de Tudo  
E o Riso: Meditação de Tudo

e Esses  
são os Dons da Semente Una Oca

Escuta: O Eco,  
aqui

O sermos  
como Aves de Dois Cantos

enquanto, Lá,

O sorrindo chora O chorando ri

Enquanto passa uma Nau de Silêncio

### **Asa dos olhos**

Quando um Lago  
for lançado num Círculo

fora do tempo

por mãos vazias antes do gesto

Quem

estará na Margem  
para receber, sem mãos,  
as Doações do Centro adormecido

que Se amplia  
despertado

em gratidões gratidões gratidões  
em Cinzas Cinzas Cinzas

## **Quando descerem em Ti escuro e sol**

A última  
gota de água acaba de subir aos Céus e a Terra  
não é mais

a Esfera de Miragens

Agora,

esses seres de Lágrimas banidos dos Teus Olhos  
buscam Refúgio  
na Tua Mão de Pó

E não és o Lago

O Uivo em Tua em Memória não é a Pedra que lançaste  
voltando à tona

Um homem é Sua Curva só por ter nascido

Estás  
entre a Aurora e o Crepúsculo  
como uma Dádiva  
que se oculta antes do Gesto

Deita no Centro do leito da Serpente

Se  
confundires os perdões escuros com a Lentidão  
da Tua Estrela,

estás perdido

Tudo é Caverna e ecoa  
Consulta os Clamores da Vida

## **Se o Adormecido leva um Gesto aos lábios**

não Falar  
para não nascer do Seu Ouvido  
em Rumor O  
não dito, lentamente não

Ouvir  
para não nascer no meu ouvido  
em Ramagens A

não dita, lentamente não

para não assustar as Ramagens do Rumor

indo e vindo

entre nós

## **Asa no Ar**

Exalado pelo Alento: por que veio o Homem de Vento  
Inalado pelo Alento, para Onde voltará?

E a O Que Quem pergunta  
aqui  
na Breve Residência

onde é  
Asa de Sombra

dO sido  
e  
dO não será

## **Um passo antes das Cinzas**

Bastante silencioso

e Ausente

mas caminhando através de Onde em si há Ninguém

Um olhar mais fechado, para ser Amplo para acolher a  
Constelação  
que não cabe nos olhos  
para não esquecer que é alguém

onde não há ninguém

E a Gotejante, ouçam: Está chamando, a cada um  
pelo seu Nome  
a Cada nenhum nome que não Diz

Ali,

onde a Fonte mais transforma Luz em Sombras

## **visto no Vazio**

E então entendes:

que tudo que Passa se sonha um Eu,

e toda neblina quer Ser

E essa é a Origem

da Lágrima

## **Fonte dos que dormem**

como se fosse uma centelha: } a Transparente

com som de Águas até o afogamento  
e Asas cristalinas de Pudor

e O sangue

se desfazendo em lágrima a Gota  
onde um relâmpago de patas mais selvagens

e a desabrochando: } a Constelação

suas figuras de Musgo suas serpentes de espinho

e O Jamais se acabar [ Suas Serpentes de Espinhos

de chegar  
dAquele  
que  
Sempre passará

como o Cordão do Tempo nos Teus Olhos }



**VICENTE FRANZ CECIM** nasceu e vive em Belém do Pará, na Amazônia, Brasil.

Desde que iniciou em 1979 a invenção de *Viagem a Andara* o *livro invisível*, se devota unicamente a essa obra imaginária, que chama de *literatura fantasma* e diz escrever com *tinta invisível*. Os *livros visíveis* que escreve emergem dessa Viagem, ou, segundo o autor, *não-livro*, ambientados no território metafísico e físico de Andara, transfiguração da Amazônia em região-metáfora da vida. Em 1980, recebeu o prêmio Revelação de Autor da APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte, por sua segunda obra, *Os animais da terra*. Ao longo dos sete primeiros livros de Andara prosseguiu abolindo as fronteiras entre prosa e poesia. Publicados inicialmente pela Iluminuras no volume *Viagem a Andara*, receberam, em 1988, o Grande Prêmio da Crítica da APCA, nessa década somente atribuído também a Hilda Hilst, Cora Coralina, Mario Quintana e, na seguinte, a Manoel de Barros. Em novas versões, transcritos pelo autor e reunidos nos volumes *A asa e a serpente* e *Terra da sombra e do não*, foram reeditados em edição comemorativa, pela Cejup, em 2004. Em 1994, *Silencioso como o Paraíso*, lançado pela Iluminuras com mais quatro livros de Andara, em que o autor reafirma sua disposição de converter a literatura em pura escritura, foi aclamado por Leo Gilson Ribeiro como “um dos mais perfeitos livros surgidos no Brasil nos últimos dez anos.” Desde então, suas novas obras passaram a ser publicados apenas em Portugal. Em 2001, a Íman lançou *Ó Serdespanto*, livro duplo, em que a palavra cada vez mais aprofunda o seu diálogo com o silêncio, aqui reeditado em 2006 pela Bertrand Brasil. Apontado pela crítica portuguesa, no jornal Público, como o segundo melhor lançamento do ano, Cecim foi saudado por Eduardo Prado Coelho como “Uma revelação extraordinária!” *K O escuro da semente*, que saiu em Portugal pela Ver o Verso em 2005 e tem lançamento previsto, no Brasil, pela Bertrand, inaugurou uma outra fase em sua linguagem, que o autor denomina *Iconescritura*. Fase que se prolonga em seu livro mais recente, lançado em 2008 pela Tessitura, de

Minas Gerais: *oÓ: Desnutrir a pedra*. Nesta obra, o autor aprofunda sua demanda de uma nova escritura, mesclando palavra, silêncio da página em branco e imagem. Diz que durante esses anos todos, Andara lhe desvelou que “o natural é sobrenatural, o sobrenatural é natural.” Em 2009, a invenção de Andara atingiu 30 anos de criação.